

Cartilha ensina banco a combater lavagem

22 MAR 1997

JORNAL DO BRASIL

Brasília — Gilberto Alves

CÉSAR BORGES E EUGÊNIA LOPES
BRASÍLIA — O Instituto Brasileiro de Ciência Bancária, ligado à Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), preparou uma cartilha explicativa para evitar que as instituições financeiras sejam usadas para a lavagem de dinheiro proveniente do narcotráfico e da corrupção. O anúncio foi feito ontem pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, durante o encerramento do Seminário Internacional sobre Lavagem de Dinheiro. Segundo Malan, a lavagem de dinheiro no mundo inteiro representa hoje um negócio entre US\$ 600 bilhões e US\$ 800 bilhões por ano.

A cartilha, de 35 páginas, ensina os funcionários dos bancos a reconhecer clientes que fazem "operações suspeitas". E cita como exemplo de "contas potencialmente suspeitas" aquelas que têm muitos depósitos de pequenas quantias, com imediata transferência de quase todo o dinheiro para outras cidades no Brasil ou no exterior. Com prefácio do presidente da Febraban, Maurício Schulman, a cartilha recomenda ainda especial atenção às contas bancárias pertencentes a clientes cujos endereços estejam fora da área de atendimento das agências.



No encerramento do seminário, Pedro Malan (C) disse que o Estado precisa se aparelhar contra criminosos

A cartilha sugere também que os sistemas de auditoria dos bancos desenvolvam programas específicos para identificar os clientes que movimentam contas por meio de vários documentos de valor inferior a US\$ 10 mil, "demonstrando tentativa de dissimulação". Com ilustrações, a cartilha apresenta aos funcionários dos bancos um programa de prevenção contra clientes suspeitos de estarem lavando dinheiro. Frequentes solicitações de aumento de limites para efetuar transações, resistência a fornecer as informações necessárias para os registros habituais e depósitos de pequenos valores geralmente feitos em caixas automáticas são algumas das características, segundo a cartilha, de contas de clientes suspeitos.

Desafio — "Para o Estado, mesmo nos países mais avançados, a lavagem de dinheiro é um desafio enorme. Precisamos nos aparelhar antes que o crime organizado se apodere de novas técnicas", observou Malan. "Agora mesmo estamos assistindo ao envio de valores absurdos oriundos da corrupção para o exterior", disse o juiz da 10ª Vara da Justiça Federal, Pedro Paulo Castelo Branco, que também participou do encerramento do seminário sobre lavagem de dinheiro.

O governo brasileiro quer aproveitar que as atenções do Congresso Nacional estão voltadas para a CPI dos Precatórios e para o processo por sonegação de impostos contra o ex-presidente Fernando Collor de Mello para ampliar o regulamento da quebra de sigilo bancário. "É preciso atualizar o conceito de sigilo bancário", afirmou Malan. A idéia é permitir que a Receita Federal passe a ter acesso aos dados bancários dos correntistas para melhor combater a sonegação. Pela atual legislação, a quebra do sigilo bancário de qualquer pessoa só pode ocorrer quando há processo judicial aberto e depende da autorização do juiz.

O Seminário Internacional sobre Lavagem de Dinheiro contou com a presença de representantes de oito países da América Latina. Integrantes da Receita Federal dos Estados Unidos relataram suas experiências. "Os criminosos são muito inteligentes e transformam com facilidade dinheiro ilegal em legal. A chave para acabar com a lavagem de dinheiro é a cooperação da sociedade", afirmou Thomas Brown, chefe do departamento de narcóticos e lavagem de dinheiro dos Estados Unidos.